

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



NEVE

A paisagem nas suas variantes

NÉ BARROS

A motivação para fazer uma série de projetos em torno das paisagens, máquinas e animais surge da necessidade de pensar uma peça que não se esgotasse num único espetáculo, mas que pudesse dialogar com outras obras. A recorrência da paisagem e do corpo como paisagem nos meus projetos, do território e das fronteiras, mesmo não sendo sempre de uma forma óbvia, determinou este ciclo de trabalho que se iniciou com *IO*, prosseguiu com *Neve* e conclui-se com *Quinta-feira à Tarde* em 2023. Esta aventura ficcional deve resultar num diálogo inter-peças e intra-peças. Em *Paisagens, Máquinas, Animais*, os conceitos envolvidos evidenciam três pontos de fuga na definição do humano, que simultaneamente se abrem como categorias para pensar o corpo performático. Em todas as peças, estas dimensões estão presentes e cruzam-se, embora o ponto de partida para cada uma delas se situe em cada uma das dimensões, respetivamente. Se em *IO* o corpo convoca o animal e o mitológico, o primitivo e o tecnológico, em *Neve* emerge a paisagem nas suas variantes, ou seja, a paisagem como o fora, o exterior, o indivíduo como paisagem inteligente, a paisagem emotiva e sonora, a imagem filmada como paisagem narrativa. O terceiro objeto desta série, *Quinta-feira à Tarde*, cujo título traduz o de um álbum de Brian Eno, irá focar-se sobretudo na máquina e na possibilidade de expandir o corpo e o lugar.

Neve traz-nos as sensações do mundo. Como num poema, percebem-se ciclos e mudanças dos corpos e dos lugares, da neve ao deserto, da memória de um planeta que estamos a perder...





A brutalidade do sensível

JORGE GONÇALVES*

Atravessar o corpo com exterioridades, com mundos por vir. Redimensionar o passo humano ao estranhamento e encantamento, à volúpia e vulnerabilidade, à indeterminação e perplexidade. A série *Paisagens, Máquinas, Animais*, de Né Barros, desdobra-se e multiplica-se em *IO* (2019) e *Neve* (2022), e em breve, *Quinta-feira à Tarde* (2023). Com escritas coreográficas distintas na sua leitura axial, a íngreme verticalidade espaciotemporal em *IO* contrasta com a transitória horizontalidade em *Neve*. Em ambas as peças, a plasticidade incorporada pelos intérpretes é de uma performance exímia e dilacerada, de fluxos de desencontros e fragilidades, de voos rasantes e errantes.

Em *Neve*, percorre-se uma sucessão de dimensões arquitetónicas e afetivas intermediadas por processos de transdução através das diversas colaborações multidisciplinares de Né Barros. A mutabilidade do dispositivo cénico de FAHR 021.3, em conjugação com o desenho de luz de José Álvaro Correia, é de um minimalismo subtil e desmesurado, delimitando a máquina teatral a planos e recortes, como recurso infindável de evocação de espaços privados e públicos, ficcionais e abstratos, para diferentes escalas humanas e aberturas para o mundo. A composição musical de Carlos Guedes expõe-nos a ciclos de compressão e entropia, desmultiplicando-se por diferentes atmosferas e ritmos sonoros. Por vezes, são de uma absorção centrífuga, expandindo e sacralizando o dispositivo espacial a outras temporalidades, outras vezes, desampara-nos nas alucinantes respirações musicais e melódicas da flautista, que ocupa uma presença condutora de relevo, ora pela suspensão da transição entre paisagens, traçando possíveis percursos, ora na espacialização sonora de harmonias que expandem a elasticidade e afetação da conceção espacial. Nesta veiculação entre espaços, os corpos dos intérpretes desocupam-se para serem habitados em viagem numa incessante perseverança na efemeridade do gesto, num movimento de uma só direção, mas de múltiplos sentidos. Sem um olhar para trás, sem um reavaliar dos seus posicionamentos, estes corpos acionam e processam a sinergia do dispositivo cénico em diversas cartografias paisagísticas. O que é uma paisagem? Como é que a percebemos e habitamos ao mesmo tempo? Como é que experiencialmente se constitui? Aqui, a prática discursiva de Né Barros questiona, desconcerta e indisciplina as perceptibilidades do olhar, para voltar a ver o que não se vê como ainda não tínhamos visto, instigando a perceção como uma performance em si mesma.

Existe uma presença nómada nestes corpos, uma espécie de ostentação de compostos de vivências errantes e poéticas voláteis, em que estes evocam distintos territórios, provindos das inflexões geradas pelas curvas de interseção entre música, dispositivo cénico e dança. Os intérpretes, Beatriz Valentim, Bruno Senune e Afonso Cunha, em deslocação e deslocados, desvendam a extensibilidade dos espaços com voos rasantes à cristalização do que é reconhecível. Desassossegados e resilientes, eles mantêm-se porosos como a neve, absorvem, mas não alteram forma nem estado físico com o que lhes é exterior, eles são essa exterioridade e sintetizam eloquentemente as suas próprias experiências, evocando memórias remi-niscentes de outras temporalidades, transformando-as em imagens não apaziguadas e intermitentes. Em deslocamento, é observável na performance dos intérpretes um delírio com o arquivo experiencial dos seus corpos. Estes não petrificam a sua gestualidade, mas transbordam em si movimento e imagens, ou seja, reiteram exaltadamente a sua experiência difrativa e configuram a constituição dinâmica de uma paisagem. Nos planos fílmicos de Filipe Martins presencia-se a excessividade destes corpos na transferência para o real ficcionado. Eles são absorvidos como aberturas para horizontes sensíveis e restituídos pelas arestas em que o íntimo encontra a paisagem, o exterior desacelera a viagem e a memória resiste ao teatro. *Neve* estende-se nesta transitoriedade múltipla de imagens em movimento, em que, com a conceção e implementação de um dispositivo cénico transmutável, a escrita coreográfica propõe-se a uma reversão do ponto de fuga da paisagem, como se o olhar viesse de longe para perto, numa vertigem invertida, expandindo a sensação de quase-paisagem numa duração de algo por vir.

A série *Paisagens, Máquinas, Animais* iniciou-se com *IO*, peça estreada em 2019 no Coliseu do Porto e que mantém vários pontos de contacto com *Neve*. No entanto, confere toda uma outra abertura a esta série, em que os corpos como paisagem se enunciam nomeadamente como carnais, disfuncionais e mitológicos. Em *IO*, o dispositivo cénico integra a audiência em laterais opostas, e os intérpretes encontram-se permanentemente em palco, sem entradas nem saídas, sitiados no espaço cénico e propondo uma leitura da peça na sua verticalidade, estratificada pelas diferentes temporalidades, que nos afundam quando o *Animal* invoca o corpo e nos elevam quando a *Máquina* invade o corpo. Tal como em *Neve*, os intérpretes localizam-se em trânsito, indeterminados e ininter-

ruptos, mas em *IO* as linhas de força da escrita coreográfica são centrípetas e intensificam o magnetismo da atração repulsiva entre os dois corpos. Estes quando se encontram não se alinham, o sentido da gestualidade de cada um não encontra o seu fim no outro, desarticula-se. Esta incomunicabilidade no apelo do corpo à *Máquina* e ao *Animal*, entre Beatriz Valentim e Bruno Senune, oscila persistentemente entre qualidades sensualmente brutas e primitivas, e em paralelo, desprendidas e empáticas. A composição musical de José Alberto Gomes mitifica estas propriedades corpóreas através da manipulação tímbrica de um saxofone barítono, e conduz os dois intérpretes numa deriva hipnótica e propulsora dos índices que tanto nos remetem para um especulativo futuro de ficção tecnológica, como para um passado ancestral comum. E é na sobreposição destas duas temporalidades que o dispositivo cénico de Né Barros e Flávio Rodrigues é concebido, constituindo-se por geometrias e matérias brutas, perfazendo triângulos que erodem com o tempo, linhas vibrantes e outras configurações relacionais entre os corpos e o exterior. Ao longo da peça, os corpos acumulam nas suas peles os traços do desgaste e da iteração com os elementos cénicos, aculturam-se pela permanência nesse espaço a partir de gestos que são vestígios de outras temporalidades. O que inicialmente era um lugar, dois corpos verticais dentro de um triângulo, no fim passa a ser paisagem, uma superfície de fluxos de transferência entre lugar e corpo, experiência e memória, percepção e dança.

A multidisciplinaridade dos dispositivos coreográficos, que Né Barros estrutura para as suas vertiginosas e estonteantes paisagens desta série, é incrivelmente complexa e diagramática, de uma obsessão apaixonante pela dança como potência, e privilegia, sobretudo, um lugar emancipatório ao espectador, convocando-o a reivindicar a sua experiência sensível e política num plano aberto, num espaço de percepção e pensamento de um estar no mundo. A abertura, instabilidade, fragilidade e brutalidade com que a performatividade da sua escrita coreográfica se torna visível reside, aqui, no paradoxo do excesso ser o seu interior, em que o corpo se expande e desmultiplica como uma superfície difrativa das suas exterioridades.

* Curador, professor e coreógrafo.



Né Barros

Coreógrafa, bailarina, investigadora, tem desenvolvido o seu trabalho artístico em ligação com estudos académicos e pesquisas. Investigadora no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, no grupo de Estética, Política e Conhecimento. Iniciou a sua formação em dança clássica, posteriormente trabalhou em dança contemporânea e composição coreográfica nos Estados Unidos (Smith College). Doutorada em Dança (Universidade de Lisboa) e Master in Dance Studies (Trinity Laban Centre, Londres). Concluiu um pós-doutoramento no Instituto de Filosofia. Estudou Teatro na ESAP – Escola Superior Artística do Porto. Como coreógrafa, tem colaborado com artistas visuais, fotógrafos, realizadores de cinema, encenadores e músicos. Criou a maior parte dos seus trabalhos no Balletteatro, mas também trabalhou com a Companhia Nacional de Bailado (*Passos em Branco*, Prémio Melhor Coreografia), com o Ballet Gulbenkian e a Aura Dance Company (Lituânia). É autora dos livros *Performances e Pós-fenomenologia* (2019), *Da Materialidade na Dança* (2009), *Dança: Corpo e Casa* (2001), e editora de *Deslocações da Intimidade* (2015), *Artes Performativas: Novos Discursos* (2013), *Das Imagens Familiares* (2013), *Story Case Print* (2009) e *Metamorfoses do Sentir* (1998). Publicou vários artigos sobre temas como estética, filosofia da dança e performance, composição de dança e artes cénicas. É codiretora das coleções Estética, Política e Arte e Máquinas de Guerra, publicadas pela FLUP. É professora na ESAP e convidada em diversas instituições. Cofundadora do Balletteatro e diretora artística do Family Film Project – Festival Internacional de Cinema de Arquivo, Memória, Etnografia. Em 2007, o Teatro Nacional São João promoveu um ciclo dedicado ao seu trabalho coreográfico, tendo apresentado uma seleção de performances e espetáculos emblemáticos da sua obra.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA ALEXANDRA NOVO | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA PEDRO GUIMARÃES | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, MARCELO RIBEIRO | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA | SOM ANTÓNIO BICA, JOÃO OLIVEIRA | VÍDEO FERNANDO COSTA

APOIOS TNSJ

APOIOS À DIVULGAÇÃO

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

O BALLEATEATRO É UMA ESTRUTURA FINANCIADA PELA





EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

COORDENAÇÃO FÁTIMA CASTRO SILVA
FOTOGRAFIA JOÃO DUARTE
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

TEATRO SÃO JOÃO
22+23 ABRIL 2022
SEX+SÁB 19:00

DDD – FESTIVAL DIAS DA DANÇA

NEVE PAISAGENS, MÁQUINAS, ANIMAIS

DIREÇÃO E COREOGRAFIA NÉ BARROS

MÚSICA
CARLOS GUEDES

ESPAÇO CÉNICO
FAHR 021.3

FILME
FILIPE MARTINS

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
MIGUEL SEVIVAS

FLAUTISTA
CRISTINA IOAN/CLARA SALEIRO

DESENHO DE LUZ
JOSÉ ÁLVARO CORREIA

FIGURINOS
FLÁVIO RODRIGUES

PRODUÇÃO EXECUTIVA
LUCINDA GOMES

INTERPRETAÇÃO
AFONSO CUNHA, BEATRIZ VALENTIM,
BRUNO SENUNE, LUÍS GUERRA (FILME)

COPRODUÇÃO
BALLETEATRO
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

APOIO À RESIDÊNCIA
ARQUIPÉLAGO – CENTRO
DE ARTES CONTEMPORÂNEAS
NEW YORK UNIVERSITY ABU DHABI

APOIO
CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
NO ÂMBITO DO PROGRAMA SHUTTLE

ESTREIA
9 ABR 2022
CONVENTO SÃO FRANCISCO (COIMBRA)

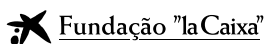
DUR. APROX.
1:00
M/6 ANOS

OTNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO



balletteatro



Porto.

Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● Campo Alegre

matosinhos

GAIA